

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Lula terá conselho de comunicação

Depois das derrapadas do ex-presidente no quesito comunicação, o PT montará um conselho para gerir essa seara da campanha. A equipe de comunicação da campanha terá que ter sincronia com a Secretaria de Comunicação do PT, comandada por Jilmar Tatto. Daí, a ideia de fazer um conselho com Edinho Silva, Rui Falcão, Tatto e profissionais de comunicação e marketing já contratados.

Separados

Em breve, Geraldo Alckmin começará a ter uma agenda própria de campanha, voltada ao eleitorado de centro. Especialmente, no interior de São Paulo, onde o ex-governador tem peso.

Por falar em Alckmin...

Nas redes sociais, os bolsonaristas massificam as declarações antigas de Alckmin criticando Lula. Os petistas acreditam que é melhor ser agora porque, quando chegar mais perto da eleição, esse material estará velho.

E o Doria, hein?

Esqueçam a proposta de colocar o ex-governador de São Paulo João Doria como candidato a vice numa chapa encabeçada por Simone Tebet (MDB-MS). Ele acredita que pode virar o jogo, da mesma forma que fez em São Paulo, nas duas eleições que disputou. Começou na casa dos 6% e venceu.

"Pior que o meu ninguém pegou"

Os estrategistas do presidente Jair Bolsonaro (PL) não pretendem mudar o discurso adotado até agora em relação à inflação, mas focará no cenário que cada presidente enfrentou. Os bolsonaristas ensaiam um discurso de que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu primeiro mandato, pegou céu de brigadeiro na economia e poderia ter feito mais, mas não fez por causa dos malfeitos, a começar pelo mensalão.

Quanto ao quadro atual, de preços elevadíssimos dos alimentos, gás de cozinha e gasolina, o atual governo manterá o discurso de que a pandemia derrubou mercados e economia no mundo todo — e que Bolsonaro fez o que estava ao seu alcance, como o auxílio emergencial e as mudanças posteriores no Bolsa Família, que resultaram no programa Auxílio Brasil. Vai sobrar também para os governadores que adotaram o lockdown, quando os casos de covid-19 estavam num patamar elevadíssimo.

O comportamento das empresas com aumentos considerados abusivos também serão objeto do discurso



bolsonarista. Daqui para frente, o presidente aproveitará as lives para reclamar dos preços dos combustíveis e fazer apelos à Petrobras, com um lucro líquido de R\$ 44,5 bilhões, para que não promova aumentos, além de reforçar que "não pode intervir" na estatal.

Esse reforço da não-intervenção, aliás, agrada ao mercado e, entre os estrategistas do presidente, há quem diga que atrairá votos. Falta combinar com o eleitor que está pagando tudo mais caro.

CURTIDAS

Ed Alves/CB/D.A Press - 24/4/20



Na pista/ O ex-ministro Sergio Moro (foto) continua com uma agenda de pré-candidato a presidente da República como se nada tivesse acontecido. Hoje, por exemplo, tem um "debate para o futuro do Brasil" na Câmara Americana de Comércio para o Brasil (Amcham), em São Paulo, a partir das 9h30, com transmissão on-line.

Vai que.../ Aliados de Moro ainda têm esperança de que o União Brasil o coloque na vitrine.

... no futuro emplaca/ Esses mesmos aliados acreditam que Moro tem tudo para repetir Bolsonaro, que começou, em 2014, sua pré-campanha eleitoral de 2018 com andanças pelo país. Na época, a maioria dos profissionais da política não levava os movimentos do atual presidente a sério. Tal como fazem com Moro agora.

Vale emoldurar/ "Onde imprensa não é livre, Constituição é mera folha de papel" — do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Luiz Fux.

ELEIÇÕES

Tebet avisa: "Não serei vice"

Senadora se respalda em pesquisa cujo resultado traz que 40% do eleitorado não decidiu em quem votará para presidente

» VINÍCIUS DORIA

Em pré-campanha no Rio Grande do Sul e animada com o apoio que recebeu da cúpula do MDB, nesta semana, a senadora Simone Tebet (MS) mandou um aviso àqueles, de dentro e de fora do partido, que acreditam que ela pode abrir mão de ser a cabeça de chapa na corrida presidencial. "Não serei vice", assegurou ela, ontem, em Porto Alegre.

As cartas da pré-candidata começaram a ser abertas após o partido receber uma pesquisa qualitativa, de âmbito nacional, que aponta que mais de 40% do eleitorado não tem candidato definido. A sondagem diz, ainda, que as pessoas que foram ouvidas admitem trocar o nome que escolheram por outro, ou estão dispostas a votar em branco ou anular o voto.

"Estamos falando de uma avenida significativa nessa eleição em que os dois favoritos (o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o presidente Jair Bolsonaro) têm altos índices de rejeição", destacou.

Apesar dos elogios que fez ao ex-governador gaúcho Eduardo Leite (PSDB) — "jovem liderança com um futuro brilhante" —, a senadora frisou que respeita a decisão "certa ou errada" do PSDB de escolher o ex-governador paulista João Doria nas prévias do ano passado. Mas deixou clara a preferência por Leite.

"Pode acontecer de o Doria não despontar, entender que tem alto índice de rejeição, e Eduardo Leite voltar ao cenário da frente democrática", justificou.

O argumento da rejeição ela usa, também, para se diferenciar de Doria, que encontra dificuldades para se viabilizar entre

os tucanos, apesar dos resultados da gestão dele à frente governo de São Paulo.

"Quando você tem uma rejeição pessoal, não tem o que fazer para contê-la", disse, referindo-se ao ex-governador paulista. Ela também lança mão do fato de ser, por enquanto, a única mulher na corrida sucessória como fator de atração para conquistar votos.

Cessar-fogo

Ao mesmo tempo, no PSDB Doria ainda tenta remover os obstáculos postos pelo próprio partido no seu caminho rumo ao Palácio do Planalto. Na última quarta-feira, em Brasília, ele conversou privadamente com o presidente da legenda, Bruno Araújo, e enfrentou a bancada tucana na Câmara em um jantar que reuniu mais de 10 parlamentares. E obteve uma espécie de cessar-fogo até dia 18, data marcada pelas legendas para fechar o acordo da terceira via — que vem sendo costurado por Araújo.

No jantar — que não contou com a presença de aliados do deputado Aécio Neves (MG), principal opositor de Doria no partido —, o pré-candidato ouviu críticas ao fraco desempenho nas pesquisas e ponderações sobre as disputas estaduais, que poderiam ser afetadas caso a candidatura à Presidência não decole. O ex-governador tentou convencer os correligionários de que está reagindo e pediu um tempo para que as sondagens de intenção de votos captem o impacto da propaganda partidária do PSDB no rádio e na tevê, que termina na terça-feira da semana que vem. Assim, espera ganhar musculatura para chegar ao dia 18 caciado para comandar a chapa da terceira via.

Luiz Cervi/MDB



Senadora deu a entender que deseja ter Eduardo Leite como companheiro de corrida presidencial



"Estamos falando de uma avenida significativa nessa eleição em que os dois favoritos (Lula e Bolsonaro) têm altos índices de rejeição"

Simone Tebet, pré-candidata do MDB à Presidência

Lira recorre a Portugal para novo sistema

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), recebeu, ontem, em seu gabinete, o presidente da Assembleia da República de Portugal, Augusto Santos Silva, para debater o semipresidencialismo. O deputado defendeu que o Brasil adote o sistema de governo atualmente em vigor no país europeu.

"Vamos precisar fazer essa discussão da mudança de sistema no Brasil. É um tema polêmico, porque todos os candidatos de agora enxergam uma perda de poder. O Brasil é muito peculiar: a distância entre a capital do Amazonas e a do Rio Grande do Sul corresponde à distância de Lisboa a Moscou", disse Lira, após se

reunir com Silva.

Na conversa, o presidente da Câmara pediu que Portugal ajude no debate sobre o semipresidencialismo no país. "Temos 23 partidos orientando na Câmara. Para eu fazer uma simples votação de destaque, eu levo 30 minutos só para que os partidos orientem. Nessa adequação, o Parlamento é levado a fazer um governo de coalizão", afirmou.

O presidente da Câmara disse que as alianças no Brasil são necessárias para o presidente conseguir cumprir promessas de campanha. "E somos criticados quando fazemos e chamam de toma lá dá cá. Quando não faz, o governo

é incompetente por não ter governabilidade", emendou.

Divergências sobre a mudança no sistema de governo do Brasil geraram um embate nesta semana entre Lira e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pré-candidato do PT ao Palácio do Planalto. Na última terça-feira, o petista chamou o presidente da Câmara de "imperador do Japão" ao citar a defesa que o deputado faz do semipresidencialismo. Lira rebateu, disse que Lula "come ate atos falhos o tempo todo" e age de "má-fé" por fazer críticas sem conhecê-lo.

O presidente da Câmara criou, em 17 de março, um grupo de trabalho na Casa para discutir a mudança no sistema de governo. Em

10 de fevereiro, ele propôs a discussão de forma oficial. Para evitar acusações de casuísmo, o parlamentar defendeu deixar a votação de uma proposta efetiva para 2023, com um novo Congresso eleito. Além disso, a medida só entraria em vigor a partir de 2030.

O semipresidencialismo distingue os cargos de chefe de Estado e chefe de governo, ao contrário do presidencialismo, em que os dois papéis são exercidos pela mesma pessoa. No novo modelo, o presidente da República continuaria sendo eleito por voto popular, mas a administração seria feita por um primeiro-ministro, que, por sua vez, poderia ser indicado pelo presidente e eleito pelo Congresso.